

○ Senhor Embaixador

Rubem Braga

LEITURA empolgante e boa: «O Senhor Embaixador», romance de Erico Veríssimo.

Confesso que não gostei muito das primeiras páginas; achei que o livro ia ser de observações pitorescas e inteligentes sôbre a diferença entre os latino-americanos e os norte-americanos, com uma pequena sátira à vida diplomática. Mas não. O romance vai crescendo, ganhando sentido e força, até atingir o dramático. Além do interesse humano, êle tem a virtude de dramatizar os problemas ligados à política norte-americana na América Latina. A República do Sacramento existe, e não interessa muito o nome nem o partido do presidente dos Estados Unidos (no livro o presidente é Eisenhower): o comportamento do Departamento de Estado é sempre mais ou menos o mesmo, com ou sem o desembarque dos «marines». Um certo desgosto de prestigiar tiranos escandalosos, a obediência aos interesses de grandes companhias, o medo ao comunismo...

Erico aproveitou muito bem sua experiência de brasileiro vivido nos Estados Unidos, sua capacidade de observação e seu talento de romancista. O livro está destinado a uma grande carreira, no Brasil e fora daqui — e poderá dar ainda um grande filme.

A figura central é muito boa — a do Senhor Embaixador — e as outras têm realidade bastante, principalmente as mulheres, como a gulosa generala, a sofisticada e esplêndida Frances Andersen, a neurótica e exasperante Glenda Doremus, a nossa apetecível e banal Rosalia Vivanco.

O livro tem 400 páginas e custa 4 mil cruzeiros — mas vale a pena.

DN. 17. 7. 65